

DESCOLONIZAR O OLHAR, PROVOCAR A IMAGINAÇÃO: NATUREZA, ESPAÇO, SABER E LINGUAGEM EM MANOEL DE BARROS

TO DECOLONIZE THE LOOK, TO CAUSE IMAGINATION: NATURE, SPACE, KNOWLEDGE AND LANGUAGE IN MANOEL DE BARROS

CHAVEIRO, Eguimar Felício (IESA/UFG)

FONSECA, Cláudio Luiz Abreu (ICHS/UFMT)

PENALVA, Gilson (ILLA/UNIFESSPA)

Resumo: Despir o olhar do processo de colonização a que foi submetido historicamente por meio do discurso poético. Eis o objetivo deste trabalho, que busca, por meio de uma visão decolonial questionar o discurso hegemônico moderno que tem permeado o fazer científico e tecnológico. Essencialista e reducionista na visão que constrói do mundo e dos sujeitos, a ciência hegemônica vem contribuindo para a modificação drástica e predatória da natureza, do espaço, do saber e da cultura de comunidades tradicionais, por exemplo. Em virtude disso, se faz necessário contrapor ao olhar hegemônico um saber poético cuja visão valoriza o simples, o diverso, o surreal, o inútil, o abandonado, o desimportante... mostrando como a perspectiva racionalista e unilateral de enxergar o ser e o mundo pode ser limitada e excludente. Em síntese, trata-se de ver o mundo, a natureza, a cultura e a linguagem sob a ótica descolonizada da poesia de Manoel de Barros.

Palavras-chave: Decolonial, Discurso hegemônico, Discurso poético, Manoel de Barros.

Abstract: Undress the look of the process of colonization that was submitted historically through poetic discourse. This is the purpose of this work, which seeks by means of a decolonial vision to question the modern hegemonic discourse that has permeated the scientific and technological making. Hegemonic science has been contributing to the drastic and predatory modification of nature, space, knowledge and culture of traditional communities, for example, as an essentialist and reductionist in the view that constructs the world and the subjects. By virtue of this, it is necessary to oppose to the hegemonic view a poetic knowledge whose vision values the simple, the diverse, the surreal, the useless, the abandoned, the unimportant ... showing how the rationalist and unilateral perspective of seeing the being and the can be limited and exclusive. In summary, it is a question of to see the world, nature, culture and language under the decolonized view of the poetry of Manoel de Barros.

Key words: Decolonial, Hegemonic discourse, Poetic discourse, Manoel de Barros.

INTRODUÇÃO

Quando o mundo abandonar o meu olho. Quando o meu olho furado de belezas for esquecido pelo mundo. Que hei de fazer? Quando o silêncio que grita de meu olho não for mais escutado. Que hei de fazer? Que hei de fazer se de repente a manhã voltar? Que hei de fazer? — Dormir, talvez chorar. (BARROS, Manoel de, 2015, p. 90)

O poeta Manoel de Barros pontifica: *o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo* (2015, p.83). Isto posto, faz-se pertinente a compreensão de que é preciso descolonizar o olhar. Olhar transversalmente, *de banda, de soslaio*, desolhar para ver. Interroga-se: como fazê-lo? Como descolonizar o olhar imerso nas instituições burocráticas, como a Universidade, cujo saber hegemônico circula entre seus muros e também fora deles, de forma unilateral, proveniente do processo de colonização? A construção de um pensamento decolonizado exige vencer o que se tem denominado *essencialismo reducionista*, linha mestra de uma epistemologia centrada no poder colonizador. De modo que, tal como a epígrafe em destaque, transformar a maneira de olhar o mundo supõe uma luta política árdua com o ideal hegemônico, do contrário, a voz poética atravessada de beleza não será mais lembrada, não será mais ouvida, como sentencia o poeta.

Em virtude disso, transver o mundo, a natureza, o espaço, a cultura, a linguagem, requer que se mobilize um outro vocabulário ou que se ressignifique as palavras cujos sentidos permearão os signos de um idioma não absorto no essencialismo e generalização de um discurso científico advindo necessariamente de epistemes consagradas como as europeias e norte americanas que, sem reproduzir um simples preconceito ao denegá-las, não devem constituir referência única de uma transvisão decolonial que se quer construir.

O enlace e o diálogo entre ciência e literatura, ou arte, em geral, se situam como senha para uma abertura dialógica, meio central de vencer o essencialismo sem cair num empirismo rastejante. O presente trabalho versa sobre a possibilidade de ampliar a senda do conhecimento envolvendo experiência, pensamento e criação. Ao proceder assim intenta-se gerar insubordinações nas formas de pensar, sem desmerecer a contribuição acadêmica.

Para encaminhar as reflexões, parte-se de um pressuposto teórico: a noção de intertextualidade formulada pelo círculo bakhtiniano (1992), que contempla na formulação dialógica, que caracteriza seu paradigma científico, uma visão de linguagem e de mundo que se define na relação entre tempo e espaço, mais precisamente, entre horizonte social e histórico. Essa compreensão adverte para a necessidade de quebra de fronteiras no processo enunciativo, recurso fiel e congruente à poética de Manoel de Barros. E também estratégia de abertura da ciência a outras vozes, sem a qual o saber – e o seu vínculo de poder – estarão fadados ao regime colonizador.

Convém igualmente postular o que, de forma peremptória, situa-se na voz do escritor curitibano Cristovão Tezza (2012). Segundo ele, não há sequer uma ideia fora do espaço. Se a realidade se concretiza espaço/temporalmente, as ideias ou qualquer outra

formulação, agem no e pelo espaço. Descolonizar o olhar requisita, portanto, universalizar a compreensão do mundo, observando as diferenças do lugar. Manoel de Barros, inclinado ao ver-universal do lugar, olha o esquecido, o inutensílio, o sem serventia, o posto fora, o perdido, o abandonado, ou seja, o que a epistemologia abstrata e etérea ignora.

Vale mencionar que este trabalho decorre de uma abertura de diálogo entre os autores que, posicionados em campos de saber diferenciados, por meio de seminários, ofertas de disciplinas na pós-graduação, organização de missões científicas internacionais, organização de estudos em grupos de pesquisa e troca de experiências decorrentes de sua atividade pedagógica em sala de aula, se juntam para interseccionarem ciência e literatura. A percepção de Barthes (1989) vai nessa direção ao afirmar que

a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada, com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa (BARTHES, 1992, p. 18-19)

Em virtude disso, este intercâmbio entre saberes possibilita a construção de uma perspectiva, de uma maneira de ver e transverso mundo e o homem em suas pequenas e simples singularidades, que lamentavelmente foi abandonada pela episteme da ciência contemporânea. Com os olhos *furados* de beleza da poética manoelina, propõe-se aqui uma leitura de *ser* e do *mundo*, considerando que sempre há o risco de que seja necessário um recomeço de desconstrução do olhar padronizado, escolarizado, adestrado, como alerta o poeta, ao indagar, diante do abandono pelo mundo da visão lírica: *Que hei de fazer?* Ainda que seja humanamente inevitável *dormir* ou *chorar*, diante de um mundo que teima em esquecer, escutar, compreender, será preciso (re-) *voltar*, ainda que seja penoso refazer este movimento. É a este sentido de militância política que se vincula também este trabalho: opor-se à ciência hegemônica por meio da força do discurso poético.

OS SABERES QUADRADOS

Críticos e filósofos da ciência ao olharem o modo pelo qual a sociedade moderna e contemporânea foi erigida, sustentam que a razão iluminista, levado ao grau máximo de instrumentalidade, transformando a ciência em força produtiva, desposou-se da subjetividade, daquilo que torna o *ser* de fato *humano* em toda a sua ontogênese e plenitude. E mais: gerou um tipo de saber celebrado por formas mecanicistas, reducionistas e automáticas de se pensar a natureza, o espaço, a linguagem e o próprio saber. O discurso científico

hegemônico que ainda perdura, por exemplo, na Academia, é prova desse distanciamento da subjetividade, em busca de uma neutralidade ideológica, posta a serviço de um pensamento generalista, objetivista e abstrato, como corroboram Bakhtin (Volochínov), ao tecerem considerações sobre a corrente da filosofia da linguagem que denominam de objetivismo abstrato, que conceitua língua como

convencional, arbitrária (...) característica de toda corrente racionalista (...). Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado (...) só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos; este é considerado, assim como na lógica, independentemente por completo das significações ideológicas que a ele se ligam. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV)), 1992, p. 83)

Daí advém a mitificação da ciência como saber hegemônico e legitimador de todas as verdades. Motes teóricos e metodológicos como a classificação, a hierarquia, a acidez do raciocínio, a objetivação e a matematização tornaram-se pontos fulcrais que passaram a designar os critérios de cientificidade. A crença na razão iluminista como se não houvesse distância entre pensamento e ser opera ideologicamente como faces de um ordenamento formalista do conhecimento.

Ao denominar este tipo de procedimento de razão tradicional, Horkheimer avalia que “a lógica tradicional não investiga em detalhe a conexão entre o movimento concreto do pensamento, tal como se processa em contínuo entrelaçamento com a vida social, e os sistemas da razão classificadora” (HORKHEIMER, 2006, p. 167). A desvinculação entre formas de pensamento e a vida social cria, o que para o filósofo, denomina-se ego abstrato ou razão estática.

O exame da razão instrumental e estática pela via do poder ganha força entre o grupo de intelectuais do campo decolonial. A sua análise centra-se na relação entre poder e saber. Anibal Quijano, um dos líderes desse grupo, expõe que,

No decurso de evolução das características do poder atual foram-se configurando novas identidades sociais da colonialidade – índios, negros, azeitonados, amarelos, brancos, mestiços – e as geoculturais como América, África, Extremo oriente, Próximo oriente (as suas últimas, mais tarde, Ásia), Ocidente ou Europa (Europa Ocidental, depois). E as relações intersubjetivas correspondentes, nas quais se foram fundindo às experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo, foram se configurando como um novo universo de relações intersubjetivas de dominação sob hegemonia eurocentrada. Esse específico universo será depois denominado modernidade (QUIJANO, 2009, p.74)”.

Ao demonstrar que na forma de saber da colonialidade há um exercício de poder que subordina povos, países e continentes, fica evidenciado que há uma relação entre a

modernidade, a ciência e o poder. Em palavras simples, fica elucidado que a edificação e a reprodução do capitalismo impõem não apenas o saque da natureza, como, por exemplo, madeira, recursos minerais, água, mas também a posse e o extermínio dos sujeitos, da cultura, das línguas, das vozes e, especialmente, de sua subjetividade.

Em que pese, houve – e há – na Europa, assim como nos Estados Unidos e, em qualquer país e continente, conflitos contra exploração, lutas por emancipação, insubordinações estéticas e políticas – e, embora possa haver também entre os chamados povos subordinados, autoritarismo, machismo, homofobia, vale pensar que o desenvolvimento da sociedade capitalista depende da geopolítica do saber centrada na colonialidade.

A dominação da natureza, do sujeito e a inferiorização de outras vozes, de outros saberes, de outras formas de sensibilidade, coloca-se como uma espécie de arma de subjugação. Ora, o crescimento da indústria armamentista assim como a beligerância dos Estados Unidos e de países ricos da Europa, o avanço da indústria fármaco-química, da engenharia genética e o consequente envenenamento da alimentação, do solo, da água, a incidência de uma medicina golpeada pelo dinheiro, a inseminação de sementes estéreis e a destruição de formas tradicionais de produção, a efetivação de mudanças no metabolismo e no tempo da natureza e o denominado *avanço científico-tecnológico*, demonstram que o triunfo da razão instrumental gerou, na mesma medida, o fracasso social ou a miséria existencial de sujeitos e do ambiente. O mundo da hegemonia da ciência é um mundo humanamente pobre.

A capacidade de povoar e colonizar outros planetas, as possibilidades de mapeamento dos territórios mediante satélites, a fusão de genes, a clonagem, assim como a descoberta de outras fontes de energia, mesmo que podendo ajudar no aumento da expectativa de vida, evidenciam-se como ameaça ao planeta e à vida. E mais: leva ao adoecimento, à erosão genética e ao empobrecimento da subjetividade. Conforme Rolnik (2018), a mesma forma de pilhagem da natureza incide sobre a subjetividade gerando uma predação ontológica.

Em função disso, poder-se-ia dizer: qualquer projeto de saber, de poder e de cultura que não mire o respeito e o avanço da vida humana tende ao fracasso social. Pior é quando as categorias do mercado, como a competição, a destruição do Outro, a acumulação, o desejo de *status* e a ganância tornam-se o repertório da subjetividade humana.

Em síntese: a modernidade capitalista gerou avanços colossais na produção do conhecimento, na construção de objetos, na capacidade de enxergar o universo, de transformar a natureza, mas não resolveu o problema da miséria existencial. O projeto social

criou um projeto de saber que elaborou um projeto humano pobre. O saber é coadjuvante da pobreza – e do empobrecimento.

Em muitos casos esse empobrecimento é vislumbrado atualmente por um conjunto de ambiguidades e antinomias estipulados por uma espécie de guerra entre razão e irracionalidade. A questão, contudo, não é criticar apenas a racionalidade extremada, os saberes economicistas *versus* fundamentalismo, terrorismo, niilismo ou irracionalismo, mas enxergar nessas falsas antinomias uma unidade de ação e de ideologia.

Parece ser congruente não se descolar do espaço, pois nele se funda a vida e as relações. Assim, cabe aos povos subordinados enfrentar, ler e interpretar os problemas reais como a desigualdade social, a pobreza, a fome, o desequilíbrio emocional e a operação ideológica que camufla esses problemas pelas falsas antinomias. Isso requisita colocar os saberes e os discursos na ordem da emancipação social e do desvendamento das ideologias liberais globais.

Na perspectiva do método, o saber científico hegemônico e notadamente eurocentrado tende a desconsiderar a totalidade. O vínculo entre sujeito e objeto mediado pela razão quadrada e matematizada, supondo uma objetividade ilibada entre ambos, ignora os componentes vitais e cognitivos da emoção, da percepção, da intuição e da sensibilidade. De maneira, que a *destruição material do viver*, como salienta Miguel Arroyo (2012) ocorre quase sempre padronizando modos de ver, de conceber e de representar.

Ao contrário, a existência de milhares de povos, etnias, culturas, cosmologias, vozes, gostos e sentimentos aponta para a compreensão de que a diversidade de povos cria igualmente uma diversidade de modos de vida e, daí, de práticas de cultivo, de modos de representar o espaço, de desenvolver e preservar culturas, línguas, ecossistemas e saberes. No plano da diversidade e da diversificação reside a essência da vida, ou a tensão do existir. Portanto, reconhecer a totalidade concreta – isto é, não abstrata e etérea do essencialismo a-histórico – supõe legitimar as singularidades.

Com efeito, pode-se dizer que não há nenhuma forma de saber emancipatório, ligada à vida, que ignora a experiência. No ato de experimentar a vida experimenta-se o mundo, as possibilidades, as tensões, as lacunas, as relações. Experimentar é lançar o corpo no espaço, fazer a própria natureza do corpo envolver toda a sua potência num arco de relações. Condicionado, mas ativo; determinado, mas determinante, o sujeito é o próprio mundo na condição singular, única, diferenciada.

Outrossim, concebe-se que as experiências sociais, humanas e singulares no campo do trabalho, da cultura, do afeto, do morar, da saúde, colocam em cena os saberes, os seus sentidos, os seus destinos. Aqui pode-se compreender: a batalha da vida é uma guerra simbólica feita num plano social diverso. A serialização, a padronização e a valorização apenas de uma forma de representação criam, assim, o empobrecimento cognitivo porque reduz a vida – e a sua potência implacável de se diversificar.

Outro aspecto a ser enunciado é que toda forma de vida – biológica, social, subjetiva – possui uma longa história. A vida, qualquer que seja, só existe num percurso decorrente da memória da terra. A redução economicista da vida, tal como se enxerga, por exemplo, nos biomas e nos ecossistemas brasileiros, seja na Amazônia, no Cerrado, no Pantanal, na Caatinga ou em qualquer outro bioma, a partir de grandes projetos comandados pelas corporações, não significa apenas a elaboração do roteiro dramático da acumulação de capital, da concentração de terras e da hegemonia do poder, mas da corrosão genética, da violência com o vivente, da precarização da capacidade de relacionar. A arte tem alertado para o avanço da destruição não só das formas de vida, configuradas na diversidade desses biomas, mas também da cultura e da história produzidas por comunidades tradicionais, que em nome do progresso deixam de existir, como retrata o filme *Narradores de Javé* (2003).

Em virtude do progresso, trata-se de acelerar o tempo, usurpar do território tradicional, devastar as formas de vida, mercantilizar maneiras de ver, de sentir, criando o que se chama *capitalismo cognitivo* ou *turbocapitalismo*, expressões cunhadas por Peter Pelbart (2003). Trata-se também de edificar espaços atravessados por ruídos, disputas, depredações dos bens culturais e naturais, alimentando um estado de violência de toda sorte. Essa violência se situa também contra os regimes de cooperação das comunidades camponesas, quilombolas e indígenas.

A mercantilização dos saberes e da vida imputada pela violência epistemológica decorre e opera no jogo da colonialidade de poder ou do poder da colonialidade. Quase sempre o modo expressivo desse regime se situa no formalismo adestrado das representações acadêmicas e do *habitus* ou do *ethos* científico. Em muitos casos, a própria crítica se performatiza, torna-se alheia e apartada dos objetos e das situações criticadas. Como, no interior da universidade, desenvolver o diálogo aberto no enfrentamento da violência epistêmica?

A TRANSVISÃO DO MUNDO

O encontro e o diálogo entre ciência, literatura e arte, em geral, enunciam-se para combater a mitificação da ciência. Reconhece-se também que mesmo alçada, em muitos casos, ou em sua maioria, pelos cânones, a liberdade literária e artística, em função de sua matéria prima central, a imaginação, gera possibilidade de aceder-se a outros pontos da natureza, do espaço, do saber e da própria linguagem poética.

A obra do poeta cuiabano Manoel de Barros fez o trânsito entre vida, obra e imaginação. Ao falar sobre essa fusão criadora, o autor observa que,

O que escrevo resulta de meus armazenamentos ancestrais e de meus envolvimento com a vida. Sou filho e neto de bugres, andarejos e portugueses melancólicos. Minha infância levei com árvores e bichos do chão. Penso que a leitura e a frequentação das artes desabrocha a imaginação para um mundo mais puro. Acho que uma inocência infantil nas palavras é salutar diante do mundo tão tecnocrata e impuro. Acho mais pura a palavra do poeta que é sempre inocente e pobre (BARROS, 2018).

Situado pelos críticos literários como pertencente a terceira geração de modernistas brasileiros, tal como as gerações que o precederam, o artista desenvolveu em sua poesia, uma expressão libertária do dizer e de concepções estéticas. Além disso, a sua poética é uma conjugação entre a vivência do espaço – tal como relatado no trecho da entrevista – e o apreço pela cultura universal, decorrente da experiência singular, bem como um trabalho de desconstrução com a linguagem, que reverbera na temática singular que desenvolve.

O sentido pedagógico e cognitivo de sua poesia se dá no enfrentamento de um mundo saturado de informação, obcecado por eficiência e produtividade. Da antologia *Meu quintal é maior do que o mundo*, destaque-se

AS LIÇÕES DE R. Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano)
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem de suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas deformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por
aí a deformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação
comigo. (BARROS, 2015, p. 83)

A leitura desse poema começa por clamar: não use a reta, não se entregue ao costume, à naturalização do real. Esse clamor desabrocha numa síntese instigante: a solicitação para transver o mundo. Ou seja, para juntar visões, ultrapassar as meras classificações, não se apequenar diante da possível ideia de objetividade ou da crença num único regime perceptual e cognitivo. Atente-se também para a referência a um pintor desconhecido, cujas lições são tão valiosas como a de um Chagall. A ideia de desconstruir um mundo (in-)definidamente *reto* é corroborada pelo trabalho no plano de expressão da língua, de maneira que a adição de infixos como *re-*, *trans-*, *des-*, e a inflexão/subtração em *pensa* (-mento), para definir a ausência da ação do pensamento no processo de criação artístico, criam um efeito de sentido de que a arte deve ser despida de uma tendência de pensamento qualquer e livre de formas pré-construídas que compõem o repertório linguístico estabilizado da língua. Na mesma linha, a imagem surrealista deve estar a serviço da expressão linguística, a fim de abalar os campos semânticos pelos quais a língua se organiza para dizer o mundo. Trata-se, pois, de criar imagens absurdas, que fogem à lógica, ao discernimento, para lançar uma outra maneira de ver o mundo, que longe de ser lógica e reta, é plena de absurdos.

A transvisão do mundo aglutina as sensações (o olho que vê) à memória (a lembrança revê) e à imaginação (que transvê). Assim colocado, percebe-se uma crítica ao olhar burocratizado e laboratorial. Daí a importância de o artista ter força nas suas derrotas. Ou seja, o fracasso – sob a lupa de um valor hegemônico – é a esteira da liberdade de criação. Eagleton diz que,

a estética torna-se tática de guerrilha da subversão secreta, da resistência silenciosa, da recusa teimosa. A arte vai pulverizar a forma e o significado tradicionais, porque as leis da sintaxe e da gramática são leis da polícia. Dançará no túmulo da narrativa semântica e da representação, celebrará a loucura e o delírio, falará como uma mulher, dissolverá toda a dialética social do puro fluxo do desejo. Sua forma se tornará seu conteúdo – uma forma que repugna toda semântica social e só assim pode nos dar um vislumbre de como deve ser a liberdade (EAGLETON, 1993, p. 266).

Como guerrilha de subversão, a estética manoelina enraíza-se no chão da poesia. E põe em curso a importância do delírio e da loucura, artífices de uma transgressão à razão instrumental ou ao controle do dizer e do sentimento de beleza. Conforme apresenta Eagleton (1993), em não separando forma e conteúdo, a loucura do dizer é vislumbre de liberdade. A procura de outros ângulos para ver, sentir e enunciar é peça central da criação poética de Manoel de Barros e de sua contravenção cognitiva. Transcriba a linguagem então ressignificando os signos por meio do acréscimo de prefixo, pela criação de neologismos verbais a partir de substantivos, o que confere às imagens poéticas ações que delineiam seu projeto filosófico e linguístico de embaralhar o que antes era substância, para tornar-se agente da transformação do eu lírico que desconstrói a palavra para desconstruir o mundo:

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras
Sou formado em desencontros
A sensatez me absurda
Os delírios verbais me terapeutam
Posso dar alegria ao esgoto (palavra aceita tudo)
(eu sei de Baudelaire que passou muitos meses tenso porque não encontrava um título para os seus poemas, um título que harmonizasse os seus conflitos. Até que apareceu *Flores do mal*. A beleza e a dor. Essa antítese o acalmou).

As antíteses congraçam. (BARROS, 2015, p. 80)

Sair da grade das representações comuns, lineares, mecanicistas, por meio da *inconexão*, atentar-se às dores e aos desencontros, perceber que o regime de dizer pode adoecer, domesticar, oprimir e, portanto, *os delírios verbais me terapeutam*, o coloca para reconhecer as ambiguidades, as tensões, as contradições humanas. Essa inclinação transformada em estilo poético é um desígnio da poesia do autor:

Deus deu a forma. Os artistas deformam.
É preciso desformar o mundo: tirar da natureza as naturalidades
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall. (BARROS, 2015, p. 83)

A consciência do papel do artista, a não separação entre estética, política e criação, o dever de desvendar as ideologias – *tirar da natureza as naturalidades* – informam o seu lugar no mundo – *os artistas deformam*. Essa informação é ajustada e iluminada quando poeticamente critica a ciência e sua precarização no sentido de valer-se do encanto e de outras formas de representação.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de

um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão
de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam. (BARROS, 2015, p. 53)

A crítica à ciência por não gerar encantamento ou a defesa de que o ser humano precisa encantar-se, tornam-se críticas sociais. O seu labor poético, dessa maneira, aponta para considerar a experiência provendo-a da imaginação criadora e encantatória. Reside aí o papel da abertura de diálogo ou da conexão de saberes formando uma espécie de ecologia cognitiva, uma nova ontogênese, aberta à aprendizagem.

Por não haver vida pobre, já que toda espécie de vida é interseccionada e advém de uma longa caminhada da história da cultura e da terra, o encontro de literatura, ciência e arte se põe como forma de descolonizar o olhar. Não raro, os fracassos, os desencontros e os inuntensílios, motes da poesia de Manoel de Barros, pretende ser um combate e um rumo à liberdade de expressão e de pensamento.

Isso não ocorre sem contradições e sem perigos. Não há uma forma única de se livrar das mais variadas emboscadas. Mesmo se negando a qualquer requinte de valor burguês, como o *status*, a fama, o sucesso e a vida sofisticada, Manoel de Barros e a sua poesia, uma vez publicizada – e entregue ao regime de apropriação pública – pode ser e é performatizada. E pode ser esquecida também depois de ser reconhecida e valorizada poeticamente. O poema em epígrafe sintetiza esta ameaça:

Quando o mundo abandonar o meu olho. Quando o meu olho furado de
belezas for esquecido pelo mundo. Que hei de fazer? Quando o silêncio que
grita de meu olho não for mais escutado. Que hei de fazer? Que hei de fazer
se de repente a manhã voltar? Que hei de fazer? — Dormir, talvez
chorar. (BARROS, Manoel de, 2015, p. 90)

O mesmo procede com a alavanca crítica encetada ao regime social da ciência hegemônica. Criticá-la não significa negar a sua importância nas curas de doenças, na geração de meios de substituição do esforço físico pela tecnologia, nas possibilidades de comunicação e intercâmbio entre povos. A sua expressão colonizadora e a forma de negação de outras epistemologias – sim – devem ser criticadas, desde que a crítica busque a emancipação, a integridade ética e o respeito à diferença e ao diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está em curso, conforme o exposto, um projeto de ciência cujo desdobramento é a produção de técnicas, estratégias e discursos que separam razão e emoção. Vinculado às ações mercantis das grandes corporações capitalistas e ao comando de poder dos países ricos, o projeto de ciência em progresso possui um fito belicista e economicista. Por isso, a ciência tornou-se uma força produtiva, um instrumento de guerra.

Face a isso, o saber ou saberes advindos dessa formulação científica tem se tornado uma estratégia de hegemonia de países ricos sobre os pobres e de classes sociais dominantes sobre as excluídas. Em decorrência disso, enxerga-se a dimensão geopolítica da ciência, ou seja, a ciência moderna, instrumental e racionalista, tende a desvalorizar outras epistemes, a provocar o epistemicídio de saberes que não os de sua raia.

Observa-se que se vive agora a quarta revolução industrial. São produtos dessa fase da indústria saberes e produtos científicos correlatos. Nanotecnologia, biotecnologia, energia cinética, impressoras 3Ds e um mundo de sensores, fios, baterias, sociabilidade contemporânea se estendem em todas as esferas da vida social.

Resulta dessa operação a midialização do indivíduo, a aceleração do tempo, a fragmentação das relações e o controle da vida das pessoas por meio da captação de dados pelas plataformas de redes. O controle supera apenas a informação: constrói-se novos regimes de percepção, de escuta e de sensibilidade, quase sempre vinculados à exposição narcísica do sujeito ou a divulgação instantânea de sua imagem. Emerge, assim, uma subjetividade adestrada e edifica-se, perante o adestramento da subjetividade, a colonização do olhar.

Na contramão dessa operação, a poesia de Manoel de Barros, como uma espécie de pedagogia das coisas miúdas e de valorização do que não tem valor, travessa, traquina, amenizada – como o poeta diz – surge como forma de descolonizar o olhar e de abrir a sensibilidade humana a outras vertentes do saber. E da vida. A consideração por tudo que vive encontra-se na poética de Manoel de Barros um contraponto aos saberes hegemônicos.

Interessada em ver a diversidade humana, os gestos sutis, os acontecimentos irrisórios e insignificantes, as coisas do mato, por não *usar o traço acostumado, formado em desencontros*, consciente que a ciência *não pode medir os encantos do sabiá*, os versos do poeta expõem o papel da arte e do artista diante da razão quadrada: deformar o olhar reducionista e colonizado.

A leitura interesseira da natureza, a pouca importância dada a imaginação e a configuração de um espaço rastreado pelas redes do mercado – focos hegemônicos da razão instrumental e dos poderes dominantes – tem um contraponto na poesia de Manoel de Barros. Esse contraponto é visto no elogio às coisas desimportantes, desinteressadas, sem direção determinada. Conforme apregoa: *é preciso transver o mundo*.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Rio de Janeiro: Petrópolis-RJ, Vozes, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V. N.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal a maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BARROS, Manoel de. *Entrevista com Manoel de Barros*. In: <https://novaescola.org.br/conteudo/1314/manoel-de-barros-vida-e-versos-para-todas-as-idades>. Acessado em 07/10/2018.
- CAFFÉ, Eliane. *Narradores de Javé*. Rio de Janeiro: Bananeira filmes/Riofilme, 2003. 100 min.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.
- HORKHEIMER, Max. “Sobre o Problema da Verdade”. In: Horkheimer, Max. *Teoria Crítica: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- QUIJANO, Anibal. “Colonialidade do poder e classificação social”. In: *Epistemologia do sul*. Org: Boaventura Souza Santos, Maria Paula Menezes. Rio de Janeiro: Edições Menezes, 2009.
- ROLNIK, Suely. *As esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1-Edições, 2018.
- PELBART, Pierre P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa – uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.